

## ENTRE LABIRINTOS, MURMÚRIOS E POESIA: A PAIXÃO ENUNCIADA PELO VIÉS FEMININO NA MITOLOGIA/LITERATURA GREGA

*Dulcileide Virgínio do Nascimento (UERJ/FGV)*  
[dulcinascimento@bol.com.br](mailto:dulcinascimento@bol.com.br); [dulcipafo@yahoo.com.br](mailto:dulcipafo@yahoo.com.br)

A sentença encontrada no santuário de Delfos, *conhece-te a ti mesmo*, é atribuída ao filósofo Sócrates e reflete necessidades atemporais e primordiais da humanidade, o autoconhecimento e o conhecer o outro. Essa necessidade incita-nos a buscar compreender a essência de um gênero, o feminino, que na Grécia clássica foi descrito sob um olhar moldado pelos anseios e sensações masculinas.

Quando mencionamos o olhar, deter-nos-emos a conceitos filosóficos, mais precisamente platônicos, para entendermos o significado que a humanidade atribuiu a esta ação/órgão. Humano, em grego *ántropos* – *anathrôn há ópope*, segundo o *Crátilo*, significa aquele entre os animais que *contempla e analisa o que viu*, ou seja, a essência do humano se encontra na reflexão sobre o que vê. Os olhos, portanto, são instrumentos do “ser humano” e segundo *Alcebiades*, o espelho da alma. É interessante, contudo, fazer referência a uma parte do olho conhecida por sua associação ao feminino, ou seja, a pupila, conhecida como *menina dos olhos*, expressão derivada do termo grego *core*. Este nome designa, como nome próprio, a filha de Deméter, também conhecida como Perséfone, e, como nome comum, a pupila dos olhos, ou a pequena imagem, associada ao feminino, que se pode ver na íris quando se olha alguém no fundo dos olhos. Entretanto, para Jacques Lacarrière (2003, p. 174), essa palavra retoma a essência do feminino, relembado, por exemplo, nas estátuas femininas expostas no novo museu da Acrópole. Portanto, somente a partir do conhecer a alma refletida no espelho do olhar é que podemos conhecer verdadeiramente um ser. Por isso, buscamos no espelho-texto reconhecer as diversas manifestações do feminino quando tocadas pelo *páthos erotikós*, ou seja, quando são tocadas pelas infalíveis flechas de Eros.

Platão diz o seguinte em *Fedro*:

Do mesmo modo que um zéfiro ou que um som refletido por um corpo sólido e polido, também as emanações da beleza, entrando pelos olhos através dos quais – como lhe é natural – atingem a alma, volta esta ao belo, estende as asas, inundando também de amor a alma do amado. Ele ama, mas sem saber o quê. Nem sabe, nem se pode dizer o que aconteceu consigo; assim como um contaminado de oftalmia desconhece a origem do seu mal, assim também o amado, no espelho do amante, viu-se a si mesmo sem dar por isso. Na presença do amado a dor do amante se esvai, e o mesmo sucede com este na presença daquele. Quando o outro está longe, o amante sente tristeza, e da mesma forma esta sacode o amado, porque ele abriga o reflexo do amor.

O Amor, ou Eros, divindade responsável por fazer com que as asas do sentimento verdadeiro brotem nos corações humanos, nos é apresentado da seguinte maneira no *Canto Órfico* n. 58:

Invoco o grande, o puro, o terno e grandioso Eros,  
O deus alado, arqueiro, ágil, vivo e ardente  
Que brinca com os deuses e com os mortais,  
Deus múltiplo e astuto, detentor das chaves deste mundo,  
Do céu etéreo, do mar, da terra, de todos os sopros,  
Nutrientes com que a deusa verdejante cumula os homens  
E das chaves do vasto Tártaro e do Oceano ruidoso.  
Pois só tu tens nas mãos o timão de todas as coisas.  
Ó bem aventurado, insufla-nos mistos santos arrebatamentos  
E afasta para bem longe deles os desejos aberrantes.

(trad. de Jacques Lacarrière)

O poder de Eros fica bem evidente nos versos 781-800 da *Antígona* de Sófocles, assim como a atuação de Afrodite para o mesmo fim:

Eros, invencível Eros, tu que subjugas os mais poderosos; tu que reposesas nas faces mimosas das virgens; tu que reinas, tanto na vastidão dos mares, como na humilde cabana do pastor; nem os deuses imortais, nem os homens de vida transitória podem fugir a teus golpes; e, quem for por ti ferido, perde o uso da razão!

Tu arrastas, muitas vezes, o justo à prática da injustiça, e o virtuoso, ao crime; tu semeias a discórdia entre as famílias... Tudo cede à sedução do olhar de uma mulher formosa, de uma noiva ansiosamente desejada: tu, Eros, te equiparas, no poder, às leis supremas do universo, porque Afrodite zomba de nós.

Mesmo que as atribuições das duas divindades estejam interligadas, segundo Flacelière, Eros e sua mãe Afrodite, têm funções distintas (baseado nos Eróticos de Plutarco): Eros preside a paixão de um homem por um jovem e Afrodite de um homem por uma mulher;

Eros é o sentimento e Afrodite a sensação; Eros o espiritual e puro e Afrodite o carnal; Ele a felicidade, ela o prazer; Ele presidiria o amor nobre que busca o bem da alma e Afrodite a união dos sexos para a procriação.

Na atualidade, a estreita relação entre Eros/Afrodite e as mulheres é óbvia, mas, na antiguidade clássica, essa relação, algumas vezes, era negada, pois todos nós sabemos que, principalmente na Atenas do sec. V a. C., a mulher grega tinha o mesmo direito que os escravos, ou seja, nenhum; que o amor entre rapazes tinha um papel importante na sociedade, que a maior parte dos casamentos heterossexuais era realizado por conveniência religiosa e social e não por gosto. Mas como amar alguém sem nunca tê-lo visto, ou melhor, contemplado?

Mesmo que, no contexto social helênico, a relação amorosa entre homem e mulher possa parecer insustentável, a mitologia nos mostra o contrário. Diversos são os relatos que sustentam a temática do amor heterossexual, como, por exemplo, o de Admeto e de Alceste. A versão mais conhecida do mito pode ser resumido desta maneira: foi decidido pelas Parcas que Admeto teria uma vida curta. Sendo ele um bom rei e um bom marido e ao ter acolhido Apolo bondosamente em seu palácio, o deus, conhecendo o destino do rei, persuadiu as Parcas a aceitarem em troca da vida de Admeto a vida de outra pessoa. Como seus pais, já velhos, não aceitaram fazer a troca, sua esposa, Alceste, concordou em fazê-lo e, conseqüentemente, morreu.

Hércules, visitando o palácio, conhecendo o amor dos dois e vendo o sofrimento do rei com a morte da esposa, foi em busca de Thánatos. Lutou com ele e, vencendo-o, trouxe Alceste de volta à vida.

Este mito, para os estudiosos, rebate a falsa ideia de que o amor, provocado por Eros, não pudesse nascer entre homem e mulher. Platão, no *Banquete-179*, afirma que “morrer por outro, só o desejam os que o amam e não só os homens como também as mulheres” e cita o exemplo de Alceste “que os deuses amaram a ponto de lhe permitir que saísse do Hades e voltasse a ver a luz do sol”; pensamento, também, reforçado por Plutarco, nos *Eróticos*, quando afirma que *as moças também são capazes de provocar o Eros*. Outro relato de reciprocidade amorosa é o que se refere a relação entre As-

pásia e Pericles. Péricles, o grande governador de Atenas, se divorcia de sua mulher legítima para viver conjugalmente com a hetaira<sup>1</sup> Aspásia, uma estrangeira lembrada por sua inteligência, beleza e por ter influenciado grandemente nas decisões políticas de Atenas.

As questões relacionadas ao amor, portanto, são abordadas de diversas maneiras através de todos os tempos: as flechas de Eros, o fogo do amor, os sofrimentos e as lágrimas quentes dos seres apaixonados, o efeito do amor sobre a alma dos que o amor domina... A liberdade poética nos permitiu falar de diversas maneiras sobre este sentimento que atinge a humanidade com a rapidez de uma flecha e de forma tão inesperada como um olhar, mas que, ao mesmo tempo, atormenta como uma queimadura ou uma ferida sem cura os corações dos homens. Entretanto os poetas falam dos sintomas, mas esquecem dos relatos míticos que apontam aqueles que padecem de amor, dos desejos não realizados e da luta interior para resistir ao deus alado, mas o Amor é irresistível...

Selecionamos alguns mitos para demonstrar que além das mulheres serem atingidas por Eros, elas são vítimas das decisões que tomaram quando estavam sob o efeito do poder do deus alado. Estamos nos referindo aos arquétipos das mulheres que não foram correspondidas ou tiveram os seus sentimentos manipulados como instrumento para que obtivessem o que desejavam.

Selecionamos para focar este assunto cinco mitos:

- Cometo – filha de Pterelao, rei de Tafos → apaixonou-se por Anfítrião (Cometo cortou o cabelo dourado do pai que lhe tornava invencível por causa do amor que nutria por Anfítrião. Após a derrota de Pterelao, Anfítrião manda matar a moça).
- Cila – filha de Niso, rei de Mégara → apaixonou-se por Minos (Niso também era invencível por conta da sua cabeleira púrpura ou dourada. Minos promete casamento a Cila, se esta o ajudasse. Minos domina Mégara, com o auxílio da moça, mas não cumpre a promessa, ao contrário, amarra-a na proa do seu navio para que morresse afogada).

---

<sup>1</sup> Havia três classes de prostitutas na Grécia: As Dicteríades, as Auletrides e as Hetairas. As Dicteríades, ou Pornais, estavam na escala mais inferior, sendo formada pelas mulheres paupérrimas e, em sua grande maioria eram escravas. As Auletrides eram as prostitutas independentes, atendiam a classe média e eram excelentes dançarinas, cantoras ou instrumentalistas musicais. As Hetairas eram as cortesãs de luxo. Possuíam instrução completa, eram versadas em ciências, filosofia, retórica, política, artes, música, dança, teatro, além de serem belíssimas.

- Ariadne – filha de Minos, rei de Creta → apaixonou-se por Teseu ( Todos nós conhecemos este mito eo seu desfecho, ou seja, Ariadne foi abandonada por teseu na ilha de Naxos. Contudo Ariadne foi salva pelo amor de Dioniso).

- Hipodâmia – filha de Enômao, rei de Pisa e de Estéope → apaixonou-se por Pélops (conhecida por sua beleza sedutora, é impedida de casar várias vezes por seu pai. Ao se apaixonar por Pélops, auxilia-o a ganhar a prova que lhe concederia a sua mão. Após o casamento, mata o seu enteado e para se vingar, Pélops tê-la-ia mandado matar).

- Medéia – filha de Aetes, rei da Cólquida → apaixonou-se por Jasão ( Medéia é a única jovem que se vinga do abandono do marido e continua viva após a sua vingança. Cf. *Medéia*, de Eurípides).

A *agonia* interior de determinadas personagens, ao descobrirem a saída dos seus labirintos corpóreos, foi manifesto na literatura através de tênues murmúrios, ou em forma de relatos míticos, ou de maneira muito especial, em forma de poesia como nos apontam os versos de Safo de Lesbos, que delineiam de que forma se manifesta no corpo feminino os desejos insuflados por Eros:

Igual aos deuses esse homem  
me parece: diante de ti  
sentado, e tão próximo, ouve  
a doçura da tua voz,  
e o teu riso claro e solto. Pobre  
de mim: o coração me bate  
de assustado. Num ápice te vejo  
e a voz se me vai;  
a língua paralisa; um arrepio  
de fogo, fugar e fino,  
corre-me a carne; tontos os ouvidos.  
O suor me toma, um tremor  
me prende. Mais verde sou  
do que uma erva – e de mim  
não me parece a morte longe...

A paixão insuflada por Eros, murmurada através dos lábios de Safo, é um rascunho do reflexo daquelas que se entregaram por inteiro, sem armas ou defesas, a fragilidade do que chamamos Amor.

Concluindo, podemos afirmar que para aqueles que ainda utilizam o veículo do amor e da sedução como instrumento para alcançar seus objetivos, através da manipulação dos sentimentos femininos, deixamos a lembrança da figura de Jasão/herói ridicularizado, errante, abandonado pelos homens, sem coroa e sem filhos, morto,

quando descansava à sombra da Argos, pelo mastro de seu próprio navio que em outros tempos o conduziu à glória.

E, àqueles que sentem a força de Eros como motivação para trilhar novos caminhos, deixamos a imagem do deus alado e da sua amada que lutou pelo que acreditava e se tornou a representante da mulher que se libertou da prisão imposta pelo casulo social e ganhou as asas da liberdade proporcionada pelo verdadeiro amor. Psique é o nome da amada de Eros, mas também significa, em grego, borboleta; e não há outra metáfora ou termo mais apropriado à mulher...

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUFFIÈRE, Félix. *Eros adolescent – La pédérastie dans la Grèce Antique*. Paris: Belles Lettres, 1982.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Portugal: DIFEL, 1999.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. São Paulo: Iluminuras, 1992.

LACARRIÈRE, Jaques. *Grécia: um olhar amoroso*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

PLATÃO. *O banquete*. São Paulo: Abril Cultura, 1972.

\_\_\_\_\_. *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

SAPHO. *Texte établi et traduit par Théodore Reinach*. Paris: Les Belles Lettres, 1989.